



COMPANHIA DAS LETRAS

# ESTELA SEM DEUS

JEFERSON TENÓRIO

# 1.

Até os meus treze anos, eu só tinha ido ao cemitério uma vez, e foi na ocasião em que a vó Delfina parou de respirar enquanto estava sentada na frente de casa, olhando o movimento da rua. Lembro que, naquele dia, eu conheci meus outros parentes mais afastados e todos eles estavam muito tristes. Mas, pouco antes de morrer, a vó Delfina me ensinou algo importante sobre a perda. E isso ocorreu certa vez, quando eu e o Augusto brincávamos no pátio e vimos um filhote de passarinho cair do ninho e se espatifar na nossa frente. Dois pingos de sangue coloriram a terra. O ovo havia se partido ao meio e dentro dele um filhotinho frágil e trêmulo agonizava.

Ficamos olhando sem saber o que fazer. Então, o Augusto pegou um graveto, mexeu na casca do ovo e eu disse: não faz isso, Augusto. Mas meu irmão não me ouviu e continuou mexendo no passarinho como se a vida fosse um brinquedo. Então eu entrei em casa chamando a nossa avó. E hoje penso que a vó Delfina era mesmo uma pessoa muito delicada, porque os lugares em que ela estava sempre se apaziguavam, mesmo se um dia estivéssemos no meio de uma tempestade com trovões medonhos e estrondosos, ou numa guerra com bombas e feridos, seria sempre a vó Delfina a emprestar sua paz para as coisas.

Eu disse: vó, tem um passarinho morrendo lá no pátio e o Augusto está mexendo nele com um graveto, acho que ele está matando o bichinho. A vó Delfina se levantou com certa dificuldade pedindo para que segurasse seu braço, e fomos até o pátio. Quando chegamos, o Augusto estava apenas olhando o ovo partido. Disse que não tinha feito nada.

Ficamos nós três olhando aquele pequeno desaparecimento. Então perguntei: vó, o que acontece durante a morte.

Minha vó era muito pensativa, e devo dizer que foi nesse dia que eu achei que ela fosse filósofa:

Não há «durante» quando se morre, Estela. Há somente um estar ou não estar mais na vida.

A vó Delfina disse aquilo com tanta serenidade que chegou a me doer. Tive vontade de chorar porque a simplicidade da morte me assustava e, talvez, percebendo minha tristeza, ela decidiu: Vamos enterrá-lo. Eu concordei. Mas meu irmão achou uma grande bobagem e disse que preferia gastar a tristeza dele com outras coisas.

A vó Delfina não deu importância para ele. Eu também não.

Estela, vá enterrá-lo, ela repetiu.

Mas eu, sozinha, indaguei.

Sim, é assim que se lida com a morte, ela disse.

Olhei para vó Delfina com certo receio, mas, mesmo assim, obedeci. Peguei uma pazinha de plástico, dessas com que a gente costuma brincar na praia, e comecei a cavar. Depois peguei o filhotinho morto com todo cuidado e o coloquei no buraco. Cobri-o com terra.

Agora vamos rezar, falou a vó Delfina. Vamos rezar e pedir para que este passarinho vire um santo.

Por que virar um santo, perguntei.

Porque os santos são seres que já conheceram a morte, mas que gostaram tanto da vida que ainda permanecem entre nós.

Achei estranho, mas concordei. As filósofas são assim: dizem palavras que só vão fazer sentido depois de terem feito certas voltas dentro da gente. A vó Delfina teve tanto cuidado com aquele funeral que depois até cheguei a pensar que a morte fosse uma espécie de ternura. À noite, não dormi muito bem porque fiquei me lembrando do passarinho embaixo da terra, sendo devorado por formigas e vermes. Pensar na morte me aprofundava, mas o medo me trazia de volta à superfície. E nessas horas eu achava que a natureza era violenta e injusta. Mas a vó Delfina dizia justamente o contrário, que era preciso pedir perdão à natureza, mesmo se não fôssemos culpadas; tínhamos sempre de pedir perdão aos bichos porque nós os comemos, perdão às árvores por derrubá-las, perdão ao mar por entrarmos nele.

## 2.

Certa vez, cheguei a pensar que meu irmão também fosse filósofo. Nesse dia, o pai dele havia morrido. Minha mãe recebeu uma ligação, depois sentou na sala em silêncio e o Augusto perguntou, o que foi mãe. E sem responder de imediato, ela começou a chorar devagar, como se estivesse economizando a tristeza. Foi então que percebemos que algo importante e grave estava por vir.

Em determinado momento, minha mãe se virou para o Augusto e disse, sem muitos rodeios, que o pai dele tinha morrido. Meu irmão não disse nada. Nenhum de nós disse nada. E também não fazíamos muita ideia do que vinha pela frente. Logo a seguir, meu irmão se levantou, foi até a janela e ficou olhando para fora. Por algum motivo, achei que os filósofos agiam assim quando eram informados sobre a morte de alguém. Augusto não chorou naquele dia.

Quando meu pai desapareceu, eu também não chorei.

Minha mãe dizia que ele não merecia um pinga das minhas lágrimas porque um dia eu iria crescer e ser alguém, e que jamais precisaríamos dele para coisa alguma na vida. Mas hoje tenho consciência de que minha mãe só disse aquilo porque na época não fazia a mínima ideia do que nos esperava. Nós nunca sabíamos o que nos esperava. A gente teve de se acostumar com a vida vindo assim, a galope.

Minha mãe era empregada doméstica, mas tinha parado de trabalhar havia algumas semanas por causa de uma doença nas mãos. Um dia, o médico olhou para as mãos dela e ficou preocupado. Falou que aquilo era causado pelos produtos que ela usava para limpar as casas. Alertou que dali em diante ela deveria usar luvas, mas minha mãe não contou nada disso para os patrões, pois tinha certeza de que achariam que toda aquela história era algum tipo de capricho e não gastariam dinheiro com isso. As mãos de minha mãe eram negras, mas estavam cobertas por uma crosta de pele morta que as deixavam esbranquiçadas.

A gente estudava pela manhã, e à tarde ela nos levava para as casas que quase sempre ficavam na zona sul da cidade. Íamos junto porque ela dizia que tinha medo que o Augusto virasse um aviãozinho do tráfico, e eu, uma prostituta, mas a gente sabia que na verdade ela nos levava mesmo para ajudá-la na limpeza. Não sei dizer se ela nos levava também para nos ensinar algo sobre a vida; só sei que no início, confesso, eu achava uma grande chaticice. No fim das contas, percebi que estava errada em pensar daquela forma. No fundo, eu até gostava, porque me habituava àqueles espaços, me imaginava morando naqueles apartamentos enormes, dormindo naqueles quartos grandes. Em algumas dessas casas havia piscina e tudo. Mas, antes de entrarmos, nossa mãe nos advertia: vocês não mexam em nada que não é de vocês porque, se fizerem isso, eu boto os dois na Febem. E nós não mexíamos em nada porque morríamos de medo de parar na Febem. Nossa mãe tinha um grande poder de convencimento sobre nós, principalmente quando o argumento era a vara de marmelo, a cinta ou, nesse caso, a Febem.

Admito que eu estava impressionada com o meu irmão, que ainda não tinha chorado com a morte do pai, ao contrário da nossa mãe, que estava com lágrimas nos olhos. Porém,



ela também não deixava de me impressionar porque a tristeza não a impedia de fazer as coisas: ela limpava a casa, fazia a comida, dava comida ao nosso cão. Desconfiei de que aquilo que minha mãe fazia, nunca parar a vida por causa do pranto, era uma espécie de milagre. Nesse dia, descobri também que o pai do meu irmão tinha outra família. Foi quando comecei a tomar consciência das coisas, porque eu estava me tornando adolescente e já me preocupava com a vida. Eu estava me tornando uma moça, como dizia minha tia Odete, e então passei a entender certas coisas. Entendi por que o Fernando permanecia apenas um ou dois dias por semana em casa. Minha mãe dizia que ele viajava muito e que era uma pessoa ocupada. E nós acreditávamos em tudo, pois ela tinha consciência de que as crianças são fáceis de enrolar.

No cemitério, foi bom eu e o Augusto irmos juntos, porque um encorajava o outro quando tínhamos medo dos mortos. Nós olhávamos todas aquelas lápides e achávamos algumas esquisitas e até engraçadas. Como aquelas estátuas mutiladas, ou as que tinham o nariz quebrado. Por vezes, esquecíamos por que estávamos ali. No entanto, esquecer a morte pode ser algo grave, porque o cemitério também existe para nos lembrar de que um dia nós estaremos ali embaixo da terra, junto com as minhocas, as raízes e os vermes. E às vezes ainda pensava naquele filhote de passarinho sendo devorado por outros bichos. Então, quando lembrava essas coisas, desaparecia qualquer possibilidade de sorrir. Além disso, eu não queria que a alegria estragasse o enterro do Fernando, pois meu irmão precisava compreender como se deve proceder no enterro de um pai.

As pessoas iam chegando e se postavam ao redor do caixão. Outras ficavam apenas alguns minutos ali, como se estivessem conversando com o morto. Então, chegou a vez de o Augusto

e eu nos aproximarmos do defunto. Vi minha mãe chorar mais um pouco, mas agora o pranto já era mais contido. E essa era outra faceta da minha mãe: administrar a tristeza. E talvez a felicidade fosse só isso: saber administrar a tristeza. Tentei chorar, me esforcei, mas não consegui. Se eu já tivesse conhecido a Melissa naquele tempo, ela teria me dito que chorar não faz bem para quem já se dói.

Vimos que a outra família do pai do meu irmão havia chegado. Senti que o clima poderia pesar. Entrou uma mulher que parecia mais velha que a minha mãe. Tinha os olhos tristes e cansados, estava acompanhada de duas crianças e um adolescente magro, alto e feio. Não avançaram. Nossa mãe colocou o braço em volta da gente, fazendo uma espécie de proteção, e depois disse, meus filhos, se despeçam do pai de vocês. Mas eu pensei: Fernando não é meu pai. Além de não fazer a mínima questão de que ele fosse, nunca nos demos muito bem, mas não importava. Rancores não cabem num enterro. O Augusto não sabia como se fazia para se despedir de um pai morto, nem eu, porque meu pai não havia morrido, apenas desaparecido — no fundo, era quase a mesma coisa. Acho que nem os filósofos sabem se despedir.



### 3.

Ao voltarmos do enterro, minha mãe estava desolada. Ela foi para o quarto e nós ficamos na sala. Fui até a cozinha ver o que tinha para comer, e meu irmão Augusto perguntou se eu acreditava que as pessoas iam para o céu depois que morriam. Casualmente, eu andava pensando nisso e quis dizer a ele que para mim o céu era uma grande tolice. Mas devo dizer também que eu pensava dessa forma porque na época a igreja ainda não havia entrado em nossa vida. Jesus ainda estava longe de nós. Vivíamos sem Deus, e isso não me incomodava.

Logo a seguir, chegaram as minhas tias e, com elas, a Virginia e a insuportável Angélica. Vieram consolar minha mãe. Eu não gostava da Angélica justamente porque ela tinha quinze anos e se achava muito adulta. Tinha peitos grandes e já namorava. Hoje sei que aquilo que eu sentia se chama inveja, e minha prima parecia saber disso, porque sempre que podia dava um jeito de dizer algo que parecesse adulto. Aquilo me irritava profundamente. Porque, além disso, eu era magra demais, tinha pernas muito finas, não tinha bunda nem seios direito, e para completar nunca havia beijado alguém na boca.

Nossa mãe saiu do quarto com os olhos inchados, e minhas tias a abraçaram. Sei que aquele abraço era uma tré-gua, pois minhas tias e minha mãe nunca se entenderam muito

bem — então, descobri que a morte também tem o poder de apaziguar os afetos. Houve um momento em que nossas mães pediram para a gente ir para o pátio. Quando isso ocorria era porque elas falariam de coisas sérias. A Angélica não foi com a gente para a rua, e aquilo também me deixou irritada, pois eu sabia que ela nos olharia com arrogância por não ser mais tratada como uma criança, mas como uma adulta.

Mesmo assim, me aproximei da janela para escutar o que elas iam dizer. Mas meus primos e meu irmão estavam fazendo muito barulho, o que, no fundo, até foi bom porque o barulho tem isso de espantar um pouco a tristeza. O dia começou a escurecer e um temporal se armou. Minhas tias e a insuportável da Angélica foram embora antes da chuva. Naquela noite não teve janta; minha mãe não estava em condições. Ela foi dormir mais cedo e disse que havia pão no armário, que a gente ia ter de se virar.

Fui até a cozinha novamente e abri a geladeira, tirei a manteiga rançosa e espalhei pelo pão. Também peguei uma jarra de plástico com água e joguei nela o conteúdo de um saquinho de refresco em pó de morango, que não tinha gosto de morango e prometia fazer dois litros de suco. Aquela foi nossa janta. Enquanto a chuva descia com força e os relâmpagos iluminavam a noite, o Augusto mordiscava o pão e olhava fixamente para a parede. Desconfiei que ele estivesse pensando na morte do pai. Mas não me atrevi a perguntar. Às vezes, a tristeza não deve ser incomodada.

## 4.

Um mês depois, um oficial de justiça bateu em nossa porta. Era por volta das oito da manhã. O Augusto estava na escola e eu tinha ficado em casa porque estava com um desconforto na barriga. A visita do oficial de justiça me salvou dos xingamentos da minha mãe, pois eu sabia que ela me encheria de desaforo por ter faltado à escola dizendo que, se eu não estudasse, ia terminar numa esquina qualquer rodando bolsa ou mesmo pedindo esmola.

Era um homem de camisa social, óculos grandes de aro preto. Eu me lembro bem daquele rosto porque sei que foi ali o início da nossa descida aos infernos. O homem não entrou; apenas entregou uns papéis e pediu para a minha mãe assinar. Pelo jeito que abriu o envelope, parecia que ela já sabia do que se tratava. Era uma ordem de despejo e dizia ali que teríamos quinze dias para desocupar aquele imóvel. Fernando tinha deixado de pagar o aluguel e mentira para nossa mãe, dizendo que pagava. Minha mãe esperou o homem sair, e depois se sentou no sofá como se alguém tivesse morrido novamente, olhou para mim e disse que no outro dia íamos começar a arrumar nossas coisas. Então perguntei para onde iríamos. Ela estava irritada e disse um NÃO SEI da forma mais grosseira possível. Eu tive vontade de responder à altura, mas me contive porque não quis ser violenta com ela.

Eu ainda sentia um desconforto na barriga. Fui ao banheiro. Sentei no vaso e comecei a fazer xixi. Senti algo estranho e, quando olhei para o vaso, vi um pouco de sangue. Imaginei que era minha menstruação. Pela primeira vez vi meu sangue sair daquele jeito. Tive medo e pensei em chamar minha mãe. Mas decidi me acalmar; não era o momento de preocupá-la. Peguei o rolo de papel higiênico, enrolei um pedaço na mão e me limpei. Dei descarga e saí ainda com cólicas. Fui para o quarto e troquei de calcinha. Pensei que deveria contar para alguém. Decidi ir à casa da minha tia Odete.

Quando cheguei, ela estava varrendo o pátio. E eu disse, tia, eu menstruei. A tia Odete me fitou nos olhos e, com experiência e afeto, falou: viu como eu tinha razão, já está te tornando uma moça. Depois, abraçou-me e me levou para dentro. Tia Odete morava com o tio Jairo, que aos cinquenta e oito anos teve um derrame cerebral e ficou inválido. Minha tia Odete parou de trabalhar para cuidar dele e agora eles viviam com muita dificuldade porque tinham apenas uma pequena pensão paga pelo governo.

Minha tia me deu um absorvente e disse que eu poderia usar o banheiro dela para me trocar, mas, antes que eu entrasse, nós escutamos a voz da minha mãe gritando meu nome na frente do portão. A tia Odete disse, vai lá no banheiro, minha filha, que eu atendo a tua mãe. Obedeci, fechei a porta e me olhei no espelho. Comecei a me examinar e a procurar alguma mudança em meu corpo. Algum sinal que me permitisse identificar o momento exato em que me tornaria uma moça. Mas tudo parecia igual. Toquei meus seios, e nada tinha mudado. Eu não via a hora de encontrar minha prima Angélica e poder dizer a ela que agora eu já havia deixado de ser uma criança, que dali para a frente eu também poderia participar da vida dos adultos,

sair para as festas e beijar um guri na boca. Não sei se coloquei o absorvente direito porque ninguém me mostrou como aquilo funcionava.

Quando saí do banheiro, minha mãe estava na sala à minha espera, e disse: Estela, por que veio aqui, incomodar a tua tia. Eu respondi que havia menstruado, como se aquela informação pudesse me absolver de ter saído de casa sem avisá-la. Minha mãe me olhou de cima a baixo e falou que agora é que ela ia ficar em cima de mim, porque era nessa idade que a gente costuma fazer besteira na vida, e ela não ia querer ver ninguém aparecer de barriga lá em casa.

Ao ouvir aquilo, senti mais uma pontada de cólica. Depois, minha mãe pediu desculpas para minha tia Odete pelo incômodo e agradeceu. Eu também agradei, e ela respondeu não tem de quê, dando uma piscadinha para mim. Ao voltarmos para casa, minha mãe disse para eu ter cuidado com os guris, pois eles sentem o cheiro. Não tive certeza se minha mãe estava me comparando com uma cadela no cio ou algo parecido, não quis perguntar, mas por algum motivo aquilo me incomodou.

No entanto, quando chegamos em casa, e talvez por achar que tinha sido dura demais comigo, ela me chamou no quarto, olhou nos meus olhos e disse que agora eu havia me tornado uma moça e deveria prestar mais atenção na minha higiene. Nunca deixe papel sujo de sangue virado para cima, os homens não têm obrigação de ver sua menstruação, Estela. Outra coisa: esfregue bem a calcinha, principalmente nos fundilhos; coisa mais feia que existe é mulher com calcinha manchada.

Eu escutava com atenção.

Minha mãe não perguntou se eu estava com cólicas; parecia apenas preocupada com meu asseio. A menstruação era uma espécie de vergonha com a qual tínhamos de aprender a lidar.

Nosso sangue tinha de ser educado para se esconder dos olhos dos homens. Ainda assim tive a impressão de que aquela explicação sobre minha higiene podia ser algum tipo de afeto.

Minha mãe também não me disse palavras de conforto. Não me explicou sobre como lidar com a morte todos os meses. Não me disse como teria de me acostumar com meu sangue e com a ideia de que agora eu ganhara do mundo a obrigação de um dia gerar um filho. Só algum tempo mais tarde é que fui compreender Melissa, ao me dizer que ser mulher era uma espécie de condenação. Depois fui para o meu quarto e deitei um pouco. Pensar no meu sangue me entristecia. Queríamos ser livres. Eu e o meu sangue.



# Estela sem Deus

«Tranquei a porta e me olhei no espelho. Chorei mais um pouco e me perguntei por que eu era tão feia; por que meu cabelo era daquele jeito; por que eu era preta. E juro que, se pudesse, teria quebrado aquele espelho, teria sido violenta com aquela imagem que eu detestava, mas, em vez disso, preferi apenas morder meu lábio inferior até que ele sangrasse um pouco. [...] Engoli o choro e a dor. Decidi que era assim que eu iria lidar com o sofrimento dali para a frente — não se empurra nenhuma mágoa para debaixo do tapete.»

Esta é a história de Estela, menina de família pobre e fragmentada — o pai está longe e a mãe trabalha de sol a sol para sustentar a família. A morte da avó, primeira perda entre muitas, traz à memória de Estela as lágrimas que derramou por um ovo caído de um ninho, pelo passarinho que não chegou a nascer. Percebeu então que o que queria da vida era ser filósofa.

A vida de Estela decorre num quotidiano de violência, privação e desamparo, o quotidiano de todos os que não nascem privilegiados num país de enormes assimetrias. Contudo, com o espírito indómito de uma aprendiz de filósofa, não desiste de questionar o mundo e sonhar o caminho para a própria liberdade.

Tal como no inquietante e comovente *O avesso da pele* — romance vencedor do Prémio Jabuti e finalista dos Prémios Oceanos e São Paulo de Literatura —, Jeferson Tenório revela, em *Estela sem Deus*, a força de uma escrita de urgência, de compromisso e de beleza intemporal.



«Os pensamentos de *Estela sem Deus*, tão presentes desde o início da sua trajetória, ganham a intensidade da fé e a desilusão de ver sua liberdade privada. Pode-se dizer que a liberdade é uma ambição da filosofia, e Estela vive em busca de ser livre. Livre para questionar, sentir prazer, procurar sua autenticidade e seu lugar.»

**Djamila Ribeiro**

«Assim como em *O avesso da pele*, o romance impressiona pela profunda meditação da protagonista, em um grande acerto de tom narrativo. Mais do que isso, a narração potencializa uma das mais fortes reflexões do livro: a observação nos torna filósofos.»

*Estadão*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f [companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)  
i [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897877544



9 789897 877544 >